

## Contexto e Justificativa da pesquisa

“A ascese cristã, que de início fugira do mundo para se retirar na solidão (...), deixou de modo geral intacta a vida cotidiana no mundo com seu caráter naturalmente espontâneo. Agora ela ingressa no mercado da vida, fecha atrás de si as portas do mosteiro e se põe a impregnar (...) a vida mundana de todo dia (...)”. (WEBER, 2004 [1920], p.139)

A Teologia da Prosperidade é o nome que se dá a uma vertente interpretativa do conjunto de crenças que constituem a fé cristã evangélica. Embora suas origens datem do final do século XIX ou início do XX (PIERATT, 1993; LINDE, 1993), foi a partir da década de setenta do século passado que tomou corpo e passou a ser considerada um movimento constituído, com considerável grau de sistematização; seu discurso central sustenta-se na defesa do sucesso (nas finanças, na saúde ou no amor, por exemplo) dos que a ela se alinham, êxito que se justificaria por esta ser a vontade de Deus para seus filhos e, principalmente, pela lei da sementeira, isto é, doações (financeiro-materiais) às instituições religiosas de que o ofertante faz parte ou com que simpatiza (SOUSA, 2011).

Assim, para o que chamarei de protestantismo clássico<sup>1</sup> (cf. PIERATT, 1993), embora “o caminho que conduz à salvação” seja estreito, seus discursos não chegam a fazer elogios à pobreza, nem tampouco atribuem-na um sentido

---

<sup>1</sup> Protestantismo cuja teologia foi formulada na Reforma. Seu princípio fundamental é de que somente a Bíblia é o único guia para se conhecer a Deus e apenas Cristo é a única esperança de salvação (Cf. PIERATT, 1993).

redentor (MARIANO, 1996); por outro lado, no entendimento de um adepto da Teologia da prosperidade, “a perspectiva de uma vida cristã repleta de restrições, sofrimentos e tribulações por amor a Cristo não corresponde ao verdadeiro plano de Deus, o qual deseja que seus filhos sejam em tudo bem-sucedidos, vitoriosos e triunfantes (...)” (PIERATT, 1993, p.5).

Assim é que, tanto a partir dos púlpitos das igrejas que aderiram a esse discurso (todas originárias do movimento da Reforma religiosa), quanto dos diferentes canais midiáticos usados pelos líderes das mesmas – TV, rádio, internet e mídia impressa –, emerge uma multiplicidade de símbolos (muitos deles em formas de narrativas) imbuídos de um discurso cujo principal pressuposto é o de que “os filhos de Deus são filhos do Rei, sendo essa a condição em que devem viver” (idem).

Posto isso, e entendendo que “seremos capazes de interpretar os significados e a produção de significados (...) apenas na medida em que formos capazes de especificar a estrutura e a coerência dos contextos mais amplos nos quais (...) são criados e transmitidos”, (BRUNER, 1997, p.60), doravante passarei a discorrer mais pormenorizadamente sobre o contexto de surgimento dessa doutrina e das crenças nela embutidas, que têm provocado não só discursos inflamados por parte da liderança evangélica brasileira adepta do “protestantismo clássico” mas também estimulado a publicação de livros (BLEDSOE, 2012; MARIANO, 2005) e diversos textos acadêmicos (BARBIERI JUNIOR, 2007; GABATZ, 2013; SILVEIRA, 2007).

## 2.1.

### **Protestantismo: surgimento e chegada ao Brasil**

A palavra protestantismo é usada para aludir ao movimento religioso que se opôs à liderança da Igreja Cristã Ocidental; esse movimento está associado à Reforma religiosa, que teve seu início em 1517 – quando Lutero afixou suas Noventa e cinco Teses – e que provocou, no mesmo século, o cisma cristão entre católicos e protestantes.

Mesmo considerando a peculiaridade política desse momento histórico (como o crescente sentimento nacionalista e a fragilidade da instituição Católica), não se pode deixar de salientar que o anseio por transformações que tomou carona no protesto de Lutero e que acabou por produzir uma divisão na Igreja do século XVI foi motivado principalmente pela chamada *religiosidade contábil* da igreja, inferida por práticas como a venda de indulgências, por exemplo. Nos séculos seguintes, os grupos que surgem a partir desse racha – pretensos restauradores das práticas cristãs primitivas abandonadas ou esquecidas ao longo do tempo – fragmentam-se e cristalizam-se em torno de suas posições, tornando oficial e permanente o cisma protestante. É daí que advém o nome protestantes, que se refere a todos os sectários de qualquer denominação oriunda dessa atitude cismática.

Para Weber (2004 [1920], p.30), a Reforma

“significou não tanto a *eliminação* da dominação eclesiástica sobre a vida de modo geral, quanto a sua substituição de sua forma vigente por uma *outra*. E substituição de uma dominação extremamente cômoda, que na época mal se fazia sentir na prática, quase só formal muitas vezes, por uma regulamentação levada a sério e infinitamente incômoda da conduta de vida como um todo, que penetrava todas as esferas da vida doméstica e pública até os limites do concebível.”

O entendimento dos cristãos de confissão reformada que acaba se tornando um dogma central de todas as denominações protestantes é o de que o único meio de viver que agrada a Deus não está em suplantando a moralidade intramundana pela ascese monástica, mas sim, exclusivamente, em cumprir com os deveres intramundanos, tal como decorrem da posição do indivíduo na vida, a qual por isso mesmo se torna a sua “vocação profissional” (idem, p.72).

Assim é que, para este grupo, o trabalho numa profissão que estava a serviço de uma vida intramundana da coletividade aumentava a glória desse Deus. Também o amor ao próximo (cf. Mt. 22:39) expressar-se-ia no cumprimento da missão vocacional-profissional, já que, sob seu entendimento, só lhes era permitido servir à glória de Deus e não a da criatura. Nesse sentido, embora não fosse lícito *trabalhar para os fins da concupiscência da carne e do que é tido*

*como pecado*, não se pensava o mesmo sobre o *trabalhar para ficar rico*. (ibidem, p.148).

No Brasil, o protestantismo chega através das grandes denominações históricas (procedentes da fragmentação acima referida), cada qual com suas próprias perspectivas teológicas. Costuma-se fazer distinção entre dois meios pelos quais essa fé chega ao nosso país: (i) através do Protestantismo de Imigração (caracteristicamente europeu, sem perspectiva de expansão missionária); (ii) pelo Protestantismo de Missão (via missionários, inclusive os ligados ao Movimento Pentecostal).

É em 1555 que os primeiros adeptos do protestantismo desembarcam por aqui, fugindo da perseguição na Europa. Logo depois chegam os primeiros missionários (1557), solicitados a João Calvino por Nicolau Durand de Villegagnon, por meio de carta, com o objetivo de elevar o nível moral e religioso da colônia e de evangelizar os indígenas. Nesse mesmo ano organiza-se a primeira igreja evangélica do Brasil (sem templo construído), cujos integrantes seriam expulsos ou mortos já em 1558, a mando do próprio Villegagnon.

Mais tarde foi a vez dos holandeses da Companhia das Índias Ocidentais<sup>2</sup> tentarem implantar nos territórios invadidos de Recife e Olinda uma igreja sob o presbitério de Amsterdam. Fazem-no sem construir nenhum novo templo, por considerarem igualmente cristãs as igrejas católicas já existentes. Após a expulsão desses holandeses – que aqui permaneceram entre os anos de 1630-54 –, a entrada de protestantes no Brasil é vedada. É por isso que, segundo Ribeiro (apud ARAÚJO, 2013), em pleno início do século XIX não há qualquer vestígio de protestantismo no Brasil.

Mas por ocasião da vinda da família Real para o Brasil em 1808, estabelece-se que “os súditos britânicos e todos os outros estrangeiros residentes nos domínios de Portugal teriam perfeita liberdade religiosa, sendo-lhes até permitido construir igrejas e capelas”<sup>3</sup>, porém sem proselitismo.

<sup>2</sup> A Companhia das Índias Ocidentais não era uma companhia religiosa e missionária como a Companhia de Jesus. Era uma companhia secular com o propósito de enriquecer seus sócios, mas também tinha propósitos acentuadamente missionários e religiosos (CÉSAR; apud ARAÚJO, 2013, p.47).

<sup>3</sup> Tratado da Amizade e Aliança de 1810, artigo 12 (KOSTER, 1978, p.442; apud ARAÚJO,

Começa assim a reaparecer em solo brasileiro a fé protestante: primeiramente através dos ingleses (anglicanos) que vêm morar no Brasil; depois com a chegada das primeiras levas de imigrantes de origem alemã, a partir de 1824. Nessa época são fundadas diversas igrejas protestantes em solo nacional (principalmente luteranas), muitas das quais têm seus cultos celebrados nas línguas maternas dos imigrantes; esta peculiaridade, somada a outras questões referentes à vida social da época, implica sua falta de integração com a comunidade local, característica dessas igrejas durante as primeiras décadas do século XIX. Tal situação só se alteraria posteriormente, a partir das guerras mundiais (especialmente a segunda), pois com a impossibilidade da vinda de novos oficiantes ao Brasil, e com “a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa, o processo de formação de sacerdotes em território nacional tornou-se uma necessidade” (STRECK, 1995; apud ARAÚJO, 2013, p.58).

Pode-se dizer que o impacto do Protestantismo de Imigração (a partir de 1555) na sociedade brasileira da época foi menor do que o de Missão (a partir de 1835), até mesmo pelo fato deste último desfrutar de um contexto de liberdade religiosa ainda maior e visar precipuamente a implantação de novas igrejas e a conversão de pessoas à fé protestante.

Quanto às concepções teológicas que estes missionários aqui desenvolvem, pode-se dizer que foram as mesmas de seus lugares de origem (quer da Europa ou dos Estados Unidos), quais sejam: a busca de prosélitos (pelo ato da conversão); a segmentação denominacional (metodista, congregacional, presbiteriano, etc.); a valorização da obra missionária; a separação entre Igreja e Estado; a negação das manifestações culturais populares; o anticatolicismo.

Também o receio de aproximação da iconografia ou simbolismo (imagens de santos) que resultassem em idolatria<sup>4</sup> no seio da comunidade protestante cria um estilo pedagógico de culto com foco no ensino da Bíblia; isto fortalece a pregação como o centro do culto e o desenvolvimento de reuniões onde prevalece a oralidade. Finalmente, por conta da cosmovisão do Protestantismo de Missão (que racionalizava sua conduta no mundo e mantinha os olhos no outro mundo), a

---

2013, p.51).

<sup>4</sup> O culto a imagens (de santos), prática comum no Catolicismo e condenada no Protestantismo.

pregação do evangelho ganha um caráter escatológico, onde o que importa é preparar-se para o porvir.

## 2.2.

### O movimento pentecostal

É no seio das igrejas pentecostais que a Teologia da Prosperidade encontra a maior parte de seus adeptos. Isso se deve ao fato de elas apresentarem algumas peculiaridades que acabaram por facilitar a abertura e o consequente acolhimento dos pressupostos filosóficos dessa nova teologia, conforme veremos a seguir.

O movimento pentecostal visava a restauração da igreja moderna aos moldes da neotestamentária. Embora suas origens remontem mesmo ao século XIX, foi só no início do século XX, quando se desencadeia um “movimento de renovação” em reuniões promovidas numa igreja situada na periferia da cidade de Los Angeles, que ele se torna evidente<sup>5</sup>:

No Brasil, as primeiras igrejas pentecostais são estabelecidas em 1910, por missionários norte-americanos e europeus que haviam mantido contato e sido influenciados pelo movimento iniciado nos EUA. Começando pelo interior do Brasil, o movimento rapidamente espalha-se pelas demais regiões brasileiras, através da pentecostalização de igrejas históricas<sup>6</sup>.

Nessa corrente teológica, a experiência carismática pessoal é enfatizada, principalmente o que se convencionou chamar de “a segunda bênção”<sup>7</sup>, também conhecida como o batismo no Espírito Santo (subentendido pela glossolalia ou falar em outras línguas). A supervalorização dessa experiência (e de outras manifestações sobrenaturais) no meio pentecostal acabou por legar a segundo

---

<sup>5</sup> “O reavivamento liderado por William Seymour virou notícia rapidamente, e em 18 de abril de 1906 o jornal Los Angeles Times publicou uma extensa matéria sobre o movimento, denunciando uma nova 'seita', onde fundamentalistas compostos em maior parte por negros e imigrantes pobres que, se dizendo movidos pelo Espírito Santo de Deus, se manifestavam em línguas estranhas, denominado glossolalia, e também a pregação de curas e milagres”. Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/ WilliamSeymour](https://pt.wikipedia.org/wiki/WilliamSeymour)> (Acesso em: 30/06/2015).

<sup>6</sup> *Igrejas históricas* são originárias da Reforma (Luterana, Presbiteriana, Metodista, Batista, etc); *Igrejas pentecostais*, por seu turno, são fruto desse movimento de renovação do início do século XX.

<sup>7</sup> A primeira bênção seria a da salvação da alma, conforme crença do cristianismo protestante.

plano, durante décadas, a reflexão bíblica metódica e sistematizada, praticada nos seminários teológicos de denominações históricas (cf. ARAÚJO, 1993).

O sociólogo Paul Freston (1994) dividiu o advento do movimento pentecostal ao Brasil em três momentos, segmentação que se tornou clássica entre os estudiosos do campo: o pentecostalismo clássico (primeira onda), o pentecostalismo de cura divina (segunda onda) e o neopentecostalismo (terceira onda). Tanto o pentecostalismo de primeira quanto da segunda geração foram iniciados aqui por mão de missionários estrangeiros.

O primeiro movimento abrange o período de 1910 a 1950, tendo começado em cidades do interior do Brasil (data desse período o início da Assembleia de Deus<sup>8</sup>) O segundo, também chamado de pentecostalismo neoclássico (MARIANO, 1996) – ou de segunda geração – teve início na década de 1950 e se estendeu até o final da década de 70. É quando surgem outras grandes denominações pentecostais e o movimento se avulta por todo o país, com um trabalho evangelístico baseado essencialmente na cura divina, na evangelização de massas e na radiodifusão.

O uso de dizer que nesse período o conceito de *sola fide*<sup>9</sup> fica um pouco turvado; isso porque em *todas* as igrejas representantes do pentecostalismo no Brasil havia o entendimento de que seus membros – majoritariamente oriundos das massas mais pobres e marginais – necessitavam “adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes, que figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo” (MARIANO, 1996, p.29); paulatinamente, estes passam a emergir, para os membros dessas comunidades, como um dos principais critérios utilizados para averiguação do grau de apuramento do seus pares (os demais fiéis), e conseqüentemente como credencial para se alcançar a vida eterna.

<sup>8</sup> A Assembleia de Deus Vitória em Cristo (uma das igrejas pesquisadas em nosso trabalho) é uma das representantes da primeira fase do pentecostalismo que incorporou a teologia da prosperidade em seu sistema de crença.

<sup>9</sup> *Sola fide* (por fé somente): um dos cinco *solas* (princípios fundamentais que praticamente distinguem denominações protestantes da Igreja Católica Romana, Igreja Ortodoxa e outras); seu ensino é de que a justificação (e conseqüentemente a salvação da alma) é *produzida* exclusivamente pela fé, sem necessidade de orações, penitências, sacrifícios ou compra de indulgências, por exemplo.

O caráter de “radical sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo” (idem, p.25) dessas igrejas de alguma forma nos remete à memória os pietistas que, conforme Weber (2004[1920], p.118) criavam “conventículos apartados do mundo”, desejosos de tornar visível, à sociedade em geral, o estilo de vida daqueles que compartilhavam da fé protestante, e “levar uma vida morta para os influxos do mundo, orientada em todos os detalhes para a vontade de Deus, e assim permanecer com a certeza própria da regeneração, mesmo nos aspectos externos e mais corriqueiros de sua conduta de vida.”

Tal postura contrasta diametralmente com a da maioria dos membros das igrejas neopentecostais hodiernas, com sua forte tendência de acomodação à vida secular da sociedade, leitura que se torna possível ao considerarmos a ativa participação na vida política partidária e intensa utilização da mídia eletrônica.

Assim, embora não haja nenhuma ligação entre o pentecostalismo e a Teologia da Prosperidade, foi o pentecostalismo que forneceu o grupo onde a Teologia da Prosperidade encontrou a maior parte de seus adeptos<sup>10</sup>. Não obstante este último seja um movimento relativamente recente no Brasil, suas origens conceituais remontam, no mínimo, às décadas de trinta e quarenta do século passado nos Estados Unidos, inserindo-se numa cosmovisão relacionada a algumas *seitas metafísicas* (McCONNELL, 1988; apud PIERATT, 1993). O meio pelo qual o pentecostalismo foi o portador dessa doutrina reclama a retomada da biografia de dois homens: Kenneth Hagin e Essek Kenyon.

Kenyon foi pastor de igrejas metodistas, batistas e pentecostais e, quando jovem, travou contato com várias sociedades filosófico-transcendentais; tais grupos já foram descritos como um movimento de cura pela mente<sup>11</sup> ou como seitas manipulacionistas, as quais “encontraram um método para obter a salvação, mas a salvação considerada, em geral, como a possibilidade de conseguir as coisas boas deste mundo, especialmente uma vida longa, saúde, felicidade e um sentimento de superioridade e inclusive de triunfo”. (WILSON, 1970; apud

---

<sup>10</sup> A resposta para isso reside no fato desse grupo aceitar a existência de dons de profecia e de profetas, isto é, a possibilidade de Deus, através de algumas pessoas, enviar revelações e orientações espirituais ainda nos dias atuais; essa abertura acabou por criar um ambiente que não ofereceu resistências aos pressupostos basilares dessa nova visão do evangelho.

<sup>11</sup> A Encyclopedia Britannica, 15ª ed. 1979, apud PIERATT, 1993.

MARIANO, 1996, p.29).

Seus pressupostos eram de que a verdadeira realidade transcende o mundo físico e de que o ser humano possui uma capacidade inata de controlar o mundo espiritual (e por conseguinte o material) por meio de sua mente. Julgavam que se uma pessoa conhecesse essas leis espirituais, compreendesse-as e tivesse fé para agir segundo as mesmas, obteria resultados espantosos. Kenyon, então, decidiu “aperfeiçoar” a fé protestante, associando a este sistema de crenças o ensino de que, com uso correto da mente, os benefícios da redenção poderiam ser reivindicados pelo fiel. Até onde pude alcançar, seria este o nascedouro do sistema de coerência<sup>12</sup> (Cf. LINDE, 1993) da Teologia da Prosperidade.

Com essa ressignificação, conferia-se aos cristãos evangélicos a possibilidade de gozar de *saúde plena e prosperidade* ao longo de suas vidas, fazendo talvez aparecer uma super-raça de crentes que não estariam mais presos à doença ou à pobreza (PIERATT, 1993). Com o tempo, Kenyon acaba se tornando um evangelista itinerante sem vínculos denominacionais, e por meio de seu programa de rádio e dos inúmeros livros que escreve atinge um grande público.

Já Kenneth Hagin nasceu em 1918: era cardiopata, viveu num período economicamente crítico para os Estados Unidos e, conforme relata, teria sido abandonado pelo pai aos seis anos de idade. Quando atinge a adolescência, é desenganado pelos médicos, tendo passado ainda 16 meses confinado em uma cama antes de sua experiência de conversão (ao protestantismo) e ter sua saúde restaurada, ambos, segundo Hagin, como frutos de algumas visões que transformariam sua vida radicalmente.

Em uma dessas visões, o “real sentido” da passagem que se encontra no evangelho de Marcos 11: 23-24<sup>13</sup> lhe teria sido revelado; tal revelação teria suscitado o surgimento do que veio a ficar conhecido como “confissão positiva”, postulado que permeou o imaginário de considerável parcela dos protestantes pentecostais no Brasil e no mundo e que se constitui num dos conceitos da atual

---

<sup>12</sup> Um dispositivo cultural usado para estruturar a experiência em narrativas compartilhadas socialmente.

<sup>13</sup> “(...) porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.”

Teologia da Prosperidade (MARIANO, 1996; PIERATT, 1993). A confissão positiva é a atitude que o fiel deve tomar independentemente das evidências externas, a saber: confessar em voz alta que seus pedidos já foram atendidos sem nunca duvidar. Somente assim procedendo Hagin teria alcançado a cura.

A despeito do caráter fantástico da história de Hagin, é interessante notar – como se verá mais adiante – que ela é bastante coerente com a Teologia que ele apurou e divulgou; conforme Linde:

Os processos para construção de uma história de vida como coerente podem ser analisados independentemente da verdade ou falsidade de eventos particulares, personagens e sentimentos que são usados para construir a história. Seria difícil ou impossível avaliar a factualidade de histórias contadas, e essa avaliação acrescentaria pouco ou nada ao nosso entendimento de criação da coerência (LINDE, 1993, p.16).

Como consequência do milagre narrado, Hagin torna-se pastor, passa a divulgar os novos ensinamentos e lidera várias igrejas pentecostais (mais abertas a manifestações sobrenaturais) dos sul dos Estados Unidos durante doze anos. Depois de tornar-se pregador itinerante seu ministério cresce exitosamente, tanto em seu país quanto fora dele.

Hagin nega que seus escritos tenham sido influenciados por homens, contudo, há fortes indícios de que seus ensinamentos sobre prosperidade (e cura) não lhe tenham sido repassados diretamente por Deus, como alega. Embora nem todos, sabe-se hoje que alguns de seus livros coincidem 75%, palavra por palavra, com outros livros escritos por Kenyon, fato que Hagin tenta justificar alegando que ambos foram divinamente inspirados.

Ao chegar ao Brasil, no final dos anos setenta, a TP torna-se marca peculiar da terceira fase do pentecostalismo brasileiro (o neopentecostalismo). Deve-se ter em mente, contudo, a dificuldade de se definir as práticas próprias dessa Teologia por consistir-se num movimento e não numa doutrina, o que faz com que cada igreja ensine e utilize os conceitos desse sistema de crença de formas variadas, a depender do contexto situacional. Mas, apesar das variantes, percebe-se que algumas facetas dessa ideologia são recorrentes, sendo um dos

objetivos deste trabalho também o de observar como as mesmas se constroem discursivamente através do uso da linguagem verbal, oral ou escrita, nas quais se manifestam de forma privilegiada.

### 2.3.

#### **A Teologia da Prosperidade e as igrejas neopentecostais**

O texto em epígrafe neste capítulo bem poderia referir-se ao processo de transição do pentecostalismo de segunda geração para o neopentecostalismo. Cabe dizer que, para os atuais adeptos da Teologia da Prosperidade, a “vida nos céus” não parece mais ser o ponto. Para Pieratt (1993), por exemplo, uma nova interpretação da Bíblia se expande quando, entre outras coisas, corresponde bem ao ambiente cultural em que se insere e satisfaz as necessidades e esperanças das pessoas; ora, se o evangelho da prosperidade

tem resposta para algumas das esperanças mais profundas que as pessoas têm na vida, ou seja, o desejo de ter saúde e prosperidade financeira. Além disso, encaixa-se bem nas pressuposições culturais da sociedade ocidental, no sentido de que as boas coisas da vida não devem ser evitadas, mas buscadas e aproveitadas (...) (idem, p.12)

Tem-se, então, fortes indícios de que a expansão e penetração alcançadas por essa teologia no seio das igrejas evangélicas nos últimos anos devem-se, em grande parte, ao fato de ela dizer aquilo que seus fiéis querem escutar, a saber: o mundo como “o *locus* de felicidade, prosperidade e abundância de vida para os cristãos, herdeiros das promessas divinas” (MARIANO, 1996, p.28).

Dessa forma, enquanto os pentecostais pareciam preocupar-se essencialmente com as coisas concernentes ao Reino dos céus, os neopentecostais passaram a exhibir uma feição em que se pronunciou forte visão eclesiológica empresarial (ARAÚJO, 2013).

Este trabalho segue os critérios adotados por Araújo (2013) para a caracterização de uma igreja como neopentecostal. Segundo esse autor, além da incorporação da Teologia da Prosperidade, são características da maior parte das

igrejas neopentecostais:

- fragmentação denominacional;
- personalismo, com líderes fundadores que permanecem até o dia de hoje (episcopalismo vitalício e hereditário);
- liderança por pastores "multiúso" (pregam, cantam, escrevem livros, são empresários e dirigem mais de uma dezena de cultos por semana);
- verticalização administrativo-eclesiástica, facilitando a tomada de decisões;
- mentalidade empresarial;
- celeridade no processo de formação de novos líderes;
- nascimento em solo brasileiro, a partir da cultura brasileira;
- não demonização da cultura; espetacularização do culto; musicalidade exacerbada;
- ressignificação da conversão (mais próxima de um processo do que de um ato);
- rompimento com usos e costumes (não proibição do uso de *piercing*, e tatuagem, por exemplo);
- uso da mídia como marca principal e incontestável<sup>14</sup>.

Tais fatores atuariam como otimizadores e facilitadores da propagação do discurso da TP e têm provocado o aumento explosivo dos evangélicos de origem (neo)pentecostal no Brasil, conforme revelado pelo censo de 2010 do IBGE<sup>15</sup>.

Por fim, importa realçar algo bastante peculiar aos pentecostais e aos neopentecostais em nossas terras – a oralidade. Para Siepierski (2007, apud ARAÚJO, 2013, p.124) esse é um “traço fundamental para a compreensão do pentecostalismo, estando presente (...) na vivência concreta e cotidiana da fé por meio do testemunho”. Além disso, nessa vertente do protestantismo, as oportunidades de participação (através de testemunhos, cânticos ou pregação)

<sup>14</sup> “(...) em função do aumento da competição entre os televangelistas, o tempo na TV tornou-se muito caro para eles. (...) Pressionados pelas despesas crescentes de seus projetos, que se tornaram cada vez mais ambiciosos, os televangelistas refinaram as formas de levantar fundos, integrando os apelos financeiros à sua teologia. Deste modo, as exigências econômicas do veículo de transmissão da mensagem religiosa acabaram por integrar e moldar seu conteúdo” (MARIANO, 1996, p.31).

<sup>15</sup> Ver seção “justificativa da pesquisa”, neste capítulo.

costumam ser franqueadas a todos, o que torna seu linguajar (base deste trabalho) menos teológico e menos rebuscado.

Ora, se considerarmos que a Linguística Aplicada pode ser definida atualmente como uma ciência de caráter interdisciplinar que aborda problemas sociais envolvendo a linguagem (DAVIES, 1999), é essa mesma linguagem dos testemunhos que se tornará, inevitavelmente, no interesse central desta dissertação, posto que se constitui no principal instrumento de manifestação e reprodução do discurso da Teologia da Prosperidade; esse discurso, curiosamente, não se circunscreve aos indivíduos tacitamente convertidos<sup>16</sup> à religião protestante, não obstante possam, eventualmente, se declararem evangélicos<sup>17</sup>.

Essa assertiva baseia-se naquilo que verifiquei nos dados de minha pesquisa e no que observei durante as diversas reuniões que frequentei ao longo dos últimos meses, enquanto participava dos cultos: (i) em nenhum momento pastor ou bispo algum fez menção da necessidade de compartilhar da fé protestante para receber as abundantes bênçãos materiais que, conforme creem, Deus tem para distribuir aos que lho pedirem com fé; (ii) a maioria absoluta dos entrevistados não faz menção a nenhum momento de conversão, embora mencionem o fato de estarem engajados em alguma campanha (acerca das quais falarei mais adiante) ou de terem “recebido” a palavra de algum pastor (isto é, terem crido numa declaração do líder de que receberiam algo), por exemplo.

## 2.4.

### **Cenário atual e justificativa da pesquisa**

A relevância desta pesquisa pode ser parcialmente mensurada ao se considerar os dados dos últimos Censos Demográficos do IBGE (figura 1), segundo os quais, de 2000 a 2010 os evangélicos cresceram cinco vezes mais que a população brasileira, tendo o contingente de pessoas que se declararam

---

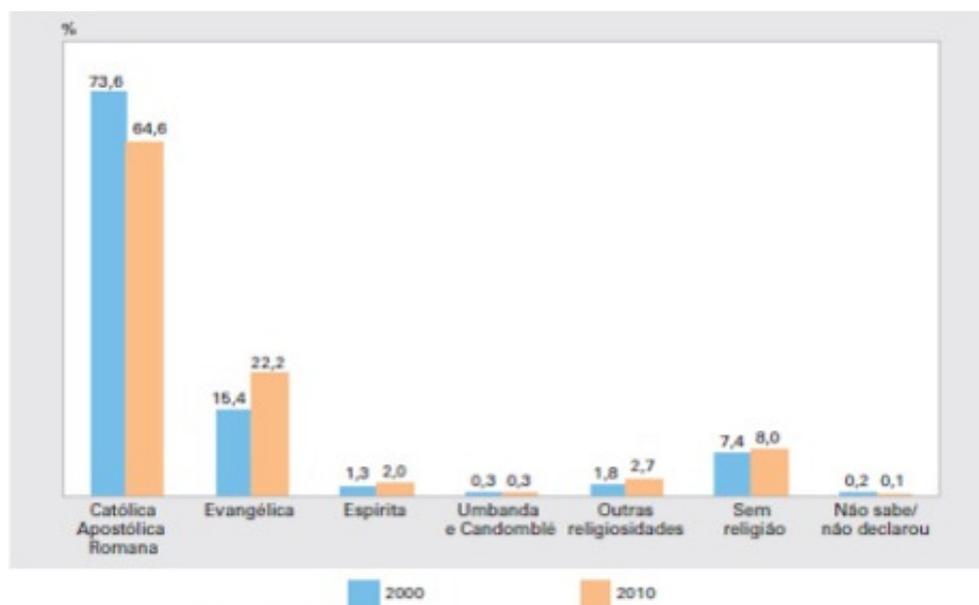
<sup>16</sup> Na maioria das igrejas evangélicas brasileiras (tanto históricas quanto pentecostais), a conversão da alma para Cristo deve ser expressa publicamente, geralmente com um gesto de levantar a mão e ir à frente no momento em que se faz o convite.

<sup>17</sup> Em seu último censo, o IBGE usa termos como “evangélicos sem igreja” e “não identificados” para nomear subgrupos de confissão evangélica (TEIXEIRA & MENEZES, 2013).

evangélicas<sup>18</sup> no Brasil saltado de 6,6% (1980) para 22,1% (2010), percentual que, à época, correspondia a um total de 42,3 milhões de pessoas (JACOB, 2013).

Dados do Censo de 2010 revelam também que os evangélicos de missão cresceram 10,8%, enquanto a comunidade pentecostal<sup>19</sup> (como visto, principal seio da Teologia da prosperidade) cresceu quase metade de seu tamanho anterior (44%); este índice, embora bastante menor do que o dos decênios anteriores (ambos acima de 110%), continua a ser expressivo se considerarmos (i) a queda de 24,6% do total de católicos na população brasileira; (ii) o pífio crescimento dos que admitem publicamente não ter religião (apenas 0,8% no último decênio) e (iii) o desencantamento de muitos com as religiões institucionalizadas (TEIXEIRA&MENEZES, 2013).

**Figura 1: percentual da população segundo os grupos de religião (Brasil – 2000/2010)**



<sup>18</sup> Aí incluídos os evangélicos de missão, os pentecostais e os neopentecostais.

<sup>19</sup> Algumas críticas têm sido feitas acerca da “incapacidade de o IBGE captar com exatidão o real cenário do mundo evangélico ou protestante brasileiro” (ALTMANN, 2012, p.6); condena-se, por exemplo, o fato de, no Censo de 2010, “a categoria *evangélica não determinada* - composta por 9.218.129 indivíduos - não fornecer informação alguma sobre a procedência religiosa dos mesmos, se pentecostal ou protestante, colocando-os todos num limbo institucional.”

Também, conforme se pode verificar pela tabela 1, o crescimento do segmento evangélico pentecostal, fenômeno previsto pelo próprio Instituto de pesquisas (IBGE, 2010), confirmou-se em todas as Grandes Regiões do País. As causas desse crescimento têm sido inquiridas e bastante discutidas por diversos estudos sociológicos ligados ao tema.

Deve-se acrescentar que o fato da Igreja Universal do Reino de Deus, uma das igrejas mais representativas da rede de crenças que constitui a Teologia da Prosperidade, ter decrescido de 2,1 para 1,8 milhão de adeptos (entre os decênios de 2000-2010), não consiste prenúncio de enfraquecimento do pentecostalismo no Brasil<sup>20</sup>; pelo contrário, segundo Altmann (2012, p.4), “o que está em curso (no cenário religioso brasileiro) é uma crescente fragmentação e um processo de forte reorganização do cristianismo no país, em favor, sobretudo, das igrejas pentecostais.”

**Tabela 1: Distribuição percentual da população segundo os grupos de religião**

Grupos de religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
<b>2000</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Evangélicas	15,4	19,8	10,3	17,5	15,3	18,9
Evangélicas de Missão	4,1	4,3	2,9	4,3	5,7	4,2
Evangélicas de origem pentecostal	10,4	14,4	6,9	12,0	8,7	13,4
Evangélica não determinada	1,0	1,1	0,5	1,2	0,9	1,3
<b>2010</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica não determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1

<sup>20</sup> Essa diminuição podemos atribuir, parcialmente, ao aumento da diversificação institucional do pentecostalismo no Brasil, questão solucionada pelo IBGE com a designação de *outras igrejas de origem pentecostal*; também ao “extraordinário inchaço” da categoria “evangélica não determinada”.

Outrossim, ciente de que “nossas observações e descrições de eventos não são neutras” (FABRÍCIO, 2006), importa dizer que a história de construção de minha identidade está intrinsecamente ligada ao protestantismo, fé na qual fui instruído ainda na infância e que continuei a professar desde que tive autonomia para aderir a outro sistema religioso.

Tendo passado a infância e a adolescência frequentando uma igreja evangélica histórica, aos dezenove anos de idade me afiliei a uma igreja de cunho pentecostal, da qual sou membro até hoje. Esta igreja não é adepta da Teologia da Prosperidade, mas pratica a devolução<sup>21</sup> dos dízimos, prática originária do judaísmo e que se estendeu à quase totalidade das igrejas cristãs (tanto protestantes quanto católicas).

Assim, embora como adepto da fé cristã e protestante entenda que a forma peculiar dessas igrejas de interpretar e compreender alguns textos bíblicos aproveite-se das pressuposições do mundo contemporâneo e das esperanças pessoais de forma extremamente agressiva (PIERATT, 1993), o objetivo precípua deste trabalho não será o de macular pessoas ou instituições, mas sim o de estudar a produção de sentidos a partir de práticas discursivas, propósito que se torna bastante significativo a partir do momento em que se entende “a vida religiosa popular como parte abrangente e radicalmente significativa da vida social na sua totalidade” (apud TEIXEIRA&MENEZES, 2013, não paginado).

---

<sup>21</sup> O uso do termo 'devolução' deve-se ao entendimento de que tudo o que recebemos foi nos dado pelo próprio Deus.